



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE
PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

ANDRÉA MÔNICA GOMES DE FREITAS

ANA SILVIA SILVA DE SOUZA

CORA DE PAULA VIEIRA MAGALHÃES

JANAÍNA ALMEIDA DOS SANTOS

JOSENEIDE MOREIRA DE SOUSA

LITERATURA INFANTIL: A ARTE DE CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS.

Brasília, 2006

ANDRÉA MÔNICA GOMES DE FREITAS
ANA SILVIA SILVA DE SOUZA
CORA DE PAULA VIEIRA MAGALHÃES
JANAÍNA ALMEIDA DOS SANTOS
JOSENEIDE MOREIRA DE SOUSA

LITERATURA INFANTIL: ARTE DE CONTAR E RECONTAR HISTÓRIAS.

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB como
parte das exigências para conclusão do
Curso de Pedagogia – Formação de
Professores para as Series Iniciais do
Ensino Fundamental – Projeto Professor
Nota 10.

Orientador: Antônio Cezar N. de Brito

Brasília, 2006

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho em primeiro lugar a Deus, por ter nos dado a força para a concretização e aos parentes e amigos que com toda e compreensão, paciência nos ajudaram a vencer esta etapa de nossas vidas.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a Deus, nossa fonte de vida, e ao nosso mestre Antônio Cezar, nossa fonte de inspiração.

EPÍGRAFE

Há muito tempo atrás existiu uma jovem que com habilidade de contador conseguiu preservar sua vida por mais de 1001 noites.

Esta jovem por nome Sherazade foi retirada do seio de sua família para servir de concubina de um sultão de coração mal e frio.

As moças, que eram entregues em sacrifício ao sultão, tinham sua vida ceifada, após uma noite com ele.

Nossa heroína, ao ser escolhida, para evitar de ter sua vida sucumbida, conta e reconta histórias, como capítulos de uma novela infundável. A cada dia de história contada, sua vida era poupada e o coração do sultão quebrantado.

Ao final de 1001 noites, o sultão, completamente dominado e apaixonado poupa a jovem amada, e a torna sua esposa, companheira e cúmplice.

Foi assim, contando história, que alguém, primeiramente frágil e incapaz tornou-se forte e reluzente. Capaz de mudar um mundo através da arte de contar e recontar história.

Andréa Mônica

RESUMO

O ato de ler e contar histórias ocorre desde os primórdios da humanidade. Os homens das cavernas utilizavam os desenhos nas suas moradias para transmitir suas emoções, sentimentos e etc. Com o surgimento da imprensa houve um salto ainda maior na leitura popular. O homem passou a utilizar livros e publicações como fonte de informação, divertimento, conhecimento etc. Atualmente, os livros são pouco utilizados, muitos por causa das várias tecnologias que surgem e que acabam abafando a literatura. Com esse intuito objetivamos o trabalho de literatura procurando focar o mesmo de forma a desenvolver o interesse pela literatura infantil, promover este contato com os livros para quem sabe assim promover cidadãos mais críticos e questionadores. A aprendizagem através dos contos de fadas e leitura, permite que o aluno dê sua opinião, hipótese, reflexões e desperta a sua curiosidade. É importante, portanto, variar, estudar a história e ainda escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la, provocando sempre um interesse inovador. Para realização deste trabalho procuramos fundamentar em alguns teóricos e estudiosos da arte da contação de história dentre estes citamos: Zilberman, Fantim, Castoradis, Pazos, Machado, Coelho, Bettelheim e outros. BETTELHEIM (1995), nos conduz a refletir sobre a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento saudável do psiquismo da criança, sendo esses capazes de ajudá-las em necessidade psicológica mais profunda, que deve ocorrer no ambiente familiar, escolar, etc. Foi pensando nisso que desenvolvemos o projeto prático onde incluímos não somente o corpo docente e discente na arte de contar história como também toda a comunidade escolar que inclui a família, direção, demais professores e profissionais da área.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	08
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	A IMPORTÂNCIA DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIA	11
2.1.1	A contação de história	11
2.2	OS RECURSOS INTERNOS E EXTERNOS QUE ESTIMULAM ESTA ARTE	14
2.3	A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR E A UTILIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA ARTE	18
2.4	A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COMO FORMADOR DE CONTADORES	21
3.	ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	23
3.1	DESCRIÇÃO DO CORPUS	23
3.2	RELATO DAS ATIVIDADES	23
4.	ORGANIZAÇÃO ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	27
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1. INTRODUÇÃO

O ato de ler e contar histórias ocorre desde os primórdios da humanidade. Os homens das cavernas utilizavam os desenhos nas suas moradia para transmitir suas emoções, sentimentos e etc. Com o surgimento da imprensa houve um salto ainda maior na leitura popular. O homem passou a utilizar livros e publicações como fonte de informação, divertimento, conhecimento etc.

Com o surgimento da TV o uso da literatura foi enfraquecendo. Veio o computador, a internet onde o conhecimento prático foi valorizado e novamente a literatura foi posta de lado.

Atualmente, os livros são pouco utilizados, muitos por causa das várias tecnologias que surgem e que acabam abafando a literatura.

Nossas crianças pouco tem lido e em conseqüência pouco sabem literatura infantil demonstrando uma escassez de interesses nas demais disciplinas existente, não interpretando ou compreendendo a que lêem em português, matemática, geografia, história e etc. Sendo assim, a escola como fonte geradora tem como obrigação despertar interesse dos alunos em relação à leitura infantil. Desenvolvendo projetos que promovam este interesse.

Com esse intuito objetivamos o trabalho de literatura procurando focar o mesmo de forma a desenvolver o interesse pela literatura infantil, promover este contato com os livros para quem sabe assim promover cidadãos mais críticos e questionadores, capazes de recontar histórias já escritas e contar sua própria história de forma que desenvolva todos seus potenciais, dentro de atividades que estimulem a criatividade e a autonomia.

O brincar e o prazer são atividades sérias, comprometidas com o conhecimento. É preciso abandonar nossas auto-definições, para saborear a alegria de sentir uma empatia sincera com o saber, as pessoas e o prazer de viver.

A literatura infantil é a chave-mestra que abre as portas da imaginação e leva a criança a vivenciar a história. Desse modo a literatura é uma fonte inesgotável que conduz e ativa o imaginário, construindo sujeitos criadores permanentes.

Cada pessoa percebe o real conforme aquilo que é, segundo seus valores religiosos, morais, sua fantasia, sonhos, entre outros. Portanto, é a linguagem simbólica que media o imaginário e o real humano. Consideremos a ficção, expressa na narrativa oral, na literatura. Ela encontra sua fonte de experiência cotidiana, todavia, mediando o real e o irreal.

Antes de tudo, é preciso que a leitura possa cumprir, e cumpra um papel emancipatório, pois a criança e o jovem, com a leitura de literatura devem ter um encontro em plenitude consigo e com o livro. Isto porque, hoje, com a liberdade que se deseja no ato de leitura, pretende-se que exista, por parte deste leitor, é levado à experimentação de uma outra realidade, uma realidade que se encontra no texto e que tem missão de integrá-lo ao mundo.

O contador de história tem que deixar a arte fluir sendo apenas instrumento dela, pois a mesma não deve perder seu caráter lúdico, ser criativo e simples. Onde a sua voz dará emoção, no tom certo, clareza, conhecimento da história. Sendo a literatura infantil de tal necessidade, afirma SILVA:

Sendo a literatura portadora de verdades eternas, reflete a esperança em sua singeleza, reflete a forma irresistível da confiança que provoca em cada ser a descoberta da sua própria força. (2000, p. 52).

De acordo com a autora, ao contar uma história deve-se ter o cuidado com o ambiente onde ela será contada, a duração deve corresponder a faixa etária, se ocorrer interrupções não se deve interromper a narrativa. Terminando a história o narrador deve comentá-la prolongando a satisfação do ouvinte, não constitui, entretanto destacar a mensagem da história nem tão poucas questões interpretativas, pois a criança percebe a mensagem por si só.

Por meio dos contos de fadas há possibilidade de trabalhar os valores tão essenciais na vida em comunidade, de forma prazerosa, permitindo assim maior absorção pelas crianças. Afirmado isso Nelly Coelho (2005, p.12) diz que os contos de fadas tem sua base na vida real e deve ser utilizado como recurso para auxiliar a prática pedagógica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A IMPORTÂNCIA DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

2.1.1 A contação de história

O hábito de contar histórias vem desde a época em que os homens se reuniam em volta das fogueiras para contar suas aventuras e realizações. Os mais velhos sempre preocupavam-se em repassar seus conhecimentos de forma a prender o interesse e ao mesmo tempo ensinar.

A utilização das histórias para a transmissão de conhecimentos, cultura e valores é muito antiga, primeiro sendo passado oralmente de geração a geração.

Com o surgimento da escrita, os conhecimentos foram registrados ultrapassando fronteiras geográficas e de tempo.

CASTORIADIS (1992) afirma que a característica fundamental do ser humano não é o raciocínio, mas sua capacidade de criar. Criação imaginária entendida como a capacidade de fazer surgir, o que até então, não estava dando, permitindo-nos recriar o mundo. Falar em imaginação é falar de sentimentos e emoções.

Existem os que acreditam no poder de intervenção positiva dos contos na formação da personalidade e há os que acham perturbadores, mas nenhum autor nega, atualmente, a sua atuação na formação do desenvolvimento do psiquismo humano.

A formação e criação dos contos e histórias, sempre parte de uma situação no real, lidando com emoções, no mundo de fantasia, para auxiliar nos conflitos da vida real.

Cada conto trabalha a mente da criança de uma forma diferente, existem contos voltados para trabalhar diferentes tipos de conflitos, segundo o autor.

O significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (1980 p. 20-21)

No conto “João e Maria”, por exemplo, inconscientemente, trabalha o fato de a criança viver agarrada aos pais mesmo sendo a hora de viver com maior autonomia justificada com a presença da casa de doces e da bruxa (o mundo externo ao seu próprio mundo, preso em sua casa sob os cuidados dos seus pais, surgirá aí as interferências de outras pessoas fora da sua casa e do seu mundo alheio a outros sentimentos de insegurança). E isto acontece com vários outros contos cada um trabalhando de forma diversificada o inconsciente principalmente de crianças dos 4 anos até a adolescência.

Não se deve explicar para uma criança o por que de um conto de fadas chamar tanto a sua atenção, isso deve ser compreendido e somente por ela; diz o autor BETTELHEIM.

Mesmo que o pai adivinhe corretamente a razão por que o filho ficou envolvido emocionalmente por um dado conto, é melhor que guarde este conhecimento para si. As experiências e reações mais importantes da criança são amplamente subscientes e devem permanecer assim até que ela alcance uma idade e compreensão mais madura. É sempre invasor interpretar os pensamentos inconscientes de uma pessoa, tornar consciente o que ela deseja manter pré-consciente, e isso é especialmente verdade no caso da criança. (1980. p. 26)

Embora se sabe que é muito importante os contos de fadas na vida da criança, esse hábito de contar história vem se perdendo com o passar do tempo. Para LUKSYS (2002, p. 115)

Sua conclusão é de que os “contos de fadas” são os únicos, na literatura infantil, capazes de ajudá-la nos seus problemas e necessidades psicológicas mais profundas consolando-a e encorajando-a a atravessar com confiança as intempéries da vida.

O contador de história tem que deixar a arte fluir sendo apenas instrumento dela, pois a mesma não deve perder seu caráter lúdico, ser criativo e simples. Onde a sua voz dará emoção, no tom certo, clareza, conhecimento da história. Sendo esta bem lida antes, para sentir como emociona ou se irrita. Assim quando chegar o momento de narrar à história, ser passada à emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, percebendo aqueles olhinhos de encantamentos. Onde foi criado todo um clima de desenvolvimento, de encanto, dando tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, evitando as descrições imensas e cheias de detalhes, para que surjam as conversas, as ações e os acontecimentos.

Sendo a literatura infantil de tal necessidade, afirma SILVA (2003, p. 52) que a literatura infantil é portadora de verdades eternas, reflete a esperança em singeleza, reflete a forma irresistível de confiança que provoca em cada ser a descoberta de sua própria força.

Ao contar uma história deve-se ter o cuidado com o ambiente onde ela será contada, a duração da mesma e a história a ser contada deve corresponder a faixa etária e ao interesse do ouvinte. Ao se terminar o narrador deve comentá-la, prolongando a satisfação do ouvinte, não se constitui, entretanto, desafiar a mensagem da história nem tão pouco, questões interpretativas, pois, a criança percebe a mensagem por si só.

De acordo com SILVA (2005), existem diversas formas diferentes de se contar uma história. Cada uma apresenta o seu brilho e fascínio, cabe ao contador de histórias escolher a forma que mais adequada para história a ser contada. Na simples narrativa o ouvinte se concentra apenas no narrador, que com a voz e gestos passará a emoção. A utilização do livros e das gravuras, entre outras coisas, permitem a maior observação de detalhes, sendo esses recursos indicados principalmente para crianças menores. O uso do flanelógrafo, permite um movimento constante dos personagens. O ouvinte junto com o narrador, também, pode compor a história através de desenhos, e através das intervenções do narrador e ouvinte durante a mesma.

Na opinião de Bruno Bettelheim (1980), enquanto diverte a criança o conto de fada esclarece sobre si mesma e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão À vida da criança.

Tanto para MATURANA quanto para GUIDANO, o resgate de vivência interior de cada sujeito desempenha um papel fundamental no momento de conhecê-lo. Será através dos conteúdos subjetivos que poderemos ter uma idéia de como essa pessoa constrói significados, sente e vive sua existência.

GUIDANO (2003) destaca que a emoção está na base da formação de nossa personalidade matizando de significado nossa experiência e dando sentido à nossas ações.

As emoções são partes constitutivas da estrutura humana e definem nosso atuar. Estão sempre presentes em cada atividade humana e não existe nenhum âmbito de ação que não seja determinado por uma emoção.

2.2 OS RECURSOS INTERNOS E EXTERNOS QUE ESTIMULAM ESTA ARTE.

O lado emocional de um indivíduo é muito importante. Estar aberto a novas experiências e emoções faz parte do ser humano.

Para se ouvir uma história é necessário que o indivíduo mantenha seus ouvidos e sua alma aberta para escutar. A história pode conduzir seu espírito a vários locais e sua mente a vários mundos.

Uma vez domesticando o seu ouvido a escutar, a busca de novas histórias será natural. O desejo de ouvir cada vez mais, torna-se algo intrínseco ao

indivíduo. Isso também gera no ouvinte a necessidade de ouvir novas histórias e também de pesquisar.

Entretanto não basta só observar a questão interna, mas também a questão externa. É necessário preparar o ambiente, o local de forma a estimular a audição. Os antigos costumavam dispor os ouvintes em círculo, geralmente em baixo de árvores ou em voltas de fogueiras. As mães costumam contar as histórias no conforto da casa, na sala ou a mesa onde a troca de energia é evidente.

Ao se contar uma história, o uso de recursos tecnológicos também facilitam muito para despertar o interesse. Livros coloridos, fantoches, dedoches, teatrinhos de bonecos ou até mesmo a sucata, estimulam a percepção visual gerando o interesse e o desejo de ouvir mais.

Dramatizações ou leituras também estimulam principalmente a prática da oralidade fundamental para um contador de história.

Muitas pessoas perdem o desejo de viver e até param de tentar viver pois acreditam que não há mais significado na sua vida, isso ocorre quando não é construída uma maturidade psicológica.

A maioria dos pais quer que os seus filhos tenham a mente tão madura quanto as suas próprias mentes, não respeitando assim o lento desenvolvimento entre corpo e mente.

Segundo BETTELHEIM: “Nossos sentimentos positivos dão-nos força para desenvolver nossa racionalidade; só a esperança no futuro pode sustentar-nos nas adversidades que encontramos inevitavelmente”. (1980 p.12).

Se as crianças fossem criadas de modo que a vida fosse significativa para elas, não necessitariam de ajuda especial e também não haveriam tantos adultos problemáticos e depressivos.

O psicólogo infantil Bruno Bettelheim, após muitos anos de pesquisa, ressalva a importância dos contos de fadas na formação do caráter das crianças e futuros adultos:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entendê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação; ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos que sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro: (1980 p.13)

O autor BETTELHEIM (1980) também faz uma crítica aos livros e cartilhas didáticas nos quais se aprende a ler, que se preocupam tão somente com o ato da leitura em divertir e informar, ou até as duas coisas. Se esquecendo da leitura como um ato de valorizar e de acrescentar coisas mais importantes às suas vidas. Cabe ao educador avaliar os méritos futuros das atividades trabalhadas e aos pais se preocupar com a qualidade da vida que os seus filhos terão futuramente.

Na verdade (...), os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer outro tipo de história dentro de uma compreensão infantil. Como a criança em cada momento da sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhes são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam. (1980, p. 13).

Cada conto trabalha a mente da criança de uma forma diferente e alertam quanto às consequências destrutivas de diversos atos dos seres humanos. Segundo a autora SILVA:

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. (2000, p. 13)

Nem todas as histórias estão no livro prontas para serem contadas, devem ser adaptadas para facilitar e estimular a compreensão e a torne mais dinâmica. É muito importante também, selecionar as histórias de acordo com a faixa etária dos ouvintes. “A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral”. (SILVA, 2000, p. 11)

O contador deve se preparar e estudar para poder contar a história com maior facilidade e entusiasmo com os ouvintes, isso não significa modificar o texto de qualquer forma e sim, tornar a linguagem escrita de forma mais espontânea e harmônica, a narrativa como um todo.

Para obter sucesso numa atividade de contação de histórias é preciso preparar todo o ambiente para não haver nenhum tipo de frustração e decepção, também não se conta uma história de qualquer forma, deve-se respeitar o tempo que cada grupo de crianças suporta.

A duração da narrativa em si depende da faixa etária e do interesse que suscita: 5 a 10 minutos para os pequeninos, de 15 a 20 minutos, para os maiores. Isso é muito flexível. Há crianças da fase pré-mágica que acompanham todo o enredo, enquanto outras do mesmo grupo não conseguem fixar a atenção e se dispersam. Compete ao narrador alongar ou diminuir o texto, conforme aprendeu ao estudar sua estrutura. (SILVA, 2000, p 54).

Para facilitar a atenção dos ouvintes é necessário que o contador se preocupe também com como os alunos estarão mais à vontade, geralmente é em semicírculo numa posição confortável. E acima de tudo dedicar-se ao conto, gostar do que faz e contar histórias com o coração como afirma a autora Cléo Busatto:

Por que contas histórias? As respostas que encontrei para essa indagação foram diversas, e neste percurso procurei me situar numa progressão de diferentes níveis da realidade que passam do plano material para o espiritual, pois creio que contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assim conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo, para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado. (2003. p. 45-46).

A história deve ser contada para quem deseja ouvi-la, geralmente as crianças são muito mais receptíveis e sentem ainda mais a necessidade do conto, é como se o seu subconsciente a alertasse a todo momento da necessidade de querer ouvir uma história, de saciar suas inquietações, de preencher seu vazio e de levá-lo para um outro mundo, mágico, repleto de fantasias onde todo o seu ser se completa.

Para que haja essa completa composição do conto, é necessário que o narrador se preocupe com onde, como, quando e para quem contar a história, é necessário que haja um compromisso e organização para a apresentação da história.

O narrador deve ter conhecimento do seu corpo e da dinâmica corporal. Para isso é importante que se tenha um conhecimento básico da linguagem do movimento e dos seus movimentos que são o espaço, força e tempo. (BUSATTO, 2003, p. 57).

É importante preocupar-se com a direção ou seja, para onde você se movimenta, se é para frente, atrás, direita, esquerda; deve também se preocupar com a altura do movimento, o tamanho do movimento, com a intensidade do movimento e com o tempo em que o movimento é executado. Para que a história prenda a atenção dos ouvintes e surpreenda é necessário que o contador tenha um sério preparo da sua contação de histórias.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR A UTILIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA ARTE

A prática da leitura na escola muitas vezes é estimulada de forma mecânica. Ler para aprender a estrutura funcional da escrita. Fatores como o estímulo a criatividade e o prazer de ler e contar histórias são postos de lado ou em segundo plano.

É necessário modificar esse pensamento, o hábito de ler deve ser visto como forma de desenvolver um aprendizado integral para o indivíduo. Gerando o conhecimento cognitivo más também o afetivo emocional.

Promover atividades que estimulem os alunos a contar suas histórias, sejam elas criadas por eles ou não, torna-os parte do processo criativo e conduzem-nos a arte de contador de história.

Aproveitada a sala de aula em sua natureza de ficção, visto como um conhecimento de mundo, e não como súdita do ensino bem comportado, ela se apresenta como elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional. (ZIBERMAN, 2003 p.3)

As escolas poderiam desenvolver projetos onde o trabalho de contador apareça mais. Pois contadores são leitores e leitores são excelentes estudantes, pois compreendem melhor o sentido da vida, os conceitos e os paradigmas da sociedade. São exímios questionadores, pois procuram encontrar saídas perspicazes para tudo em sua vida.

No Caic Ayrton Senna, localizado em Samambaia, é desenvolvido um projeto denominado “Leitura é coisa séria”, onde toda a comunidade escolar é envolvida. O projeto consiste em duas vezes na semana trabalhar durante 1 hora todos os aspectos da leitura, tanto a arte de ler quanto a de contar história. Desse projeto além de surgirem muitos leitores, surgem verdadeiros contadores, pois as crianças apresentam suas leituras em dramatizações e encenações com material livre.

Dessa maneira, vê-se o quanto é importante o estímulo da leitura para formação de verdadeiros contadores. Desenvolver projetos de contadores e desenvolver cidadãos conscientes.

[...] O movimento que a literatura desencadeia de natureza cartática, mobiliza os afetos, a percepção e a razão convocado a responder único compromisso é o co – mover o leitor, de tirá-lo de seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo e, descobri-se um

sujeito particular. O processo não é tão simples e rápido uma vez desencadeado, torna-se prazeroso e contínuo (YUNES, 2002, p.27).

Mas, não só a escola deve ser vista como ambiente propício à prática da contação de história, o ambiente familiar também deve ser levado em conta. A comunidade escolar também é composta pelos pais. Chamar a responsabilidade aos pais também garante o sucesso na formação de contadores.

Envolver os pais, nos projetos escolares oferece uma maior segurança aos futuros contadores, pois muitas vezes eles trazem de casa uma bagagem histórica muito rica.

Propor aos pais que estimulem seu filho a ler, e, trazer esses pais ao convívio escolar. Sugerir atividades de contador de história em casa pode estimular um relacionamento mais próximo entre pais e filhos. Tirar as crianças de frente da T.V, onde somente enlatados são transmitidos e possibilitar uma formação intelectual mais prática e coesa.

Contudo é necessário também desenvolver nas escolas uma integração disciplinar, usar a arte de contador como auxílio para desenvolver a oralidade, a criatividade, noção de seqüência lógica, a solução de problemas, noção de espaço, concentração, atenção dentre outros. É necessário, que as escolas observem todos esses aspectos, para que a prática de contação de história não se torne algo obsoleto.

Por isso como diz MACHADO (2002), “contar histórias se torna ainda mais importante”.

É uma maneira de passar as pessoas uma parte do patrimônio cultural universal que a humanidade vem acumulando há milênios.

2.4 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COMO FORMADOR DE CONTADORES

Em capítulo anterior citou-se a necessidade de criar ambiente próprio para a prática de contação de história. Em sala de aula, cabe ao docente proporcionar esse ambiente de forma a gerar esse estímulo.

Dispor os alunos em círculo, contar história, possibilitar os alunos que contem as suas. Criar história com materiais alternativos, usar o corpo para prática, são recursos válidos nesse processo estimulatório.

Manter o ambiente repleto de livros produções dos alunos, de colegas. Quando possível promover visitas a ambientes como feiras de livros, encontro com autores, isso tudo vai introduzindo no aluno o desejo pela arte de contador, mas para isso tudo acontecer é necessário que o professor também se torne um leitor e contador de história. Pois, como gerar o interesse se o próprio docente não demonstra tais práticas?

Para formar contadores, precisa-se de envolvimento de toda uma comunidade escolar, da sociedade dos órgãos competentes; É necessário que haja um trabalho bem fundamentado para que se consiga atingir os objetivos de ensino, apoiar nas diversidades culturais e estar investindo sempre na atualização de leitura.

O professor como contador de história é necessário que tenha bastante conhecimento das histórias que vai contar, saiba se deixar levar por sentimentos, emoções, confiança em si mesmo. É preciso conhecer literatura, ter lido várias histórias e ter espontaneidade, pois é o transmitir que faz com que o contador de histórias se faça entender.

O professor iniciante dessa arte deve começar sempre contando histórias mais populares, de seus conhecimento mais profundo e do qual já está memorizado. Pois como diz SISTO (2005), decorar, muitas vezes, compromete a

naturalidade da fala, mas é necessário nos textos poéticos. O texto decorado precisa de um tempo maior para ganhar naturalidade na boca do contador, para não sair de forma mecânica.

Podem ser de grande valia na formação de contadores de história, programas sociais como: “leitura em toda parte”, a caixa de livro ou até mesmo bibliotecas públicas se bem cuidadas. SISTO (2005) nos diz que:

[...] a contação de história no âmbito da sala de aula é um dos recursos que estão a mão do professor para fazer com que seus alunos se aproximem do mundo da leitura. E contar história para jovens não é muito diferente de contar histórias para crianças ou adultos ou qualquer outro tipo de público

É necessário recuperar nos indivíduos o desejo primitivo de sentar em volta da fogueira para ouvir e contar história, só assim terá pessoas melhores, indivíduos, mais consciente e comunidade que vive.

Contar história é transpor um texto escrito para a forma oral, observando algumas habilidades: Conhecimento literário, bagagem de leitura e reconhecimento da construção literária com indício da forma de contar e tirar maior proveito disso.

O professor para ensinar a contação de história deve passar por uma preparação, uma boa escolha e lembrando sempre que contar história é se comunicar, é transmitir mensagem, emoção, é necessário observar o corpo, a voz, as pausas, o olhar, o silêncio, a espontaneidade, naturalidade, o ritmo, clima, memória e credibilidade.

3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1 DESCRIÇÃO DO CORPUS

Essa pesquisa foi desenvolvida em turmas de QMCM (quanto mais cedo melhor), e turmas de 2ª e 3ª séries, com faixa etária de 6 aos 9 anos, nas escolas de São Sebastião: Anexo do Infantil, C.E.F. do Bosque; de Samambaia: CAIC Ayrton Senna; Escola Classe 325; na Ceilândia: na Escola Classe 26.

O enfoque da pesquisa é teórico-prático, pautando no estudo e revisão de teorias desenvolvidas na área de literatura infantil, que gera fonte de prazer, alegria e conhecimento. E em especial no ato de contar e recontar histórias.

Ao assumir caráter prático a pesquisa permite uma aprendizagem por meio da participação ativa dos educandos, vivenciando as situações-problema, refletindo sobre eles e tomando atitudes diante dos fatos.

Após o embasamento teórico, o planejamento de apresentar-se flexível, de modo que o tempo e as condições para desenvolvê-lo sejam sempre reavaliados em função dos objetivos inicialmente propostos, dos recursos à disposição dos grupos, e da realidade de cada um.

3.2 RELATO DAS ATIVIDADES

Foram utilizadas várias maneiras de contar histórias como: simples narrativa em livros, gravuras, avental de histórias, desenhos, fantoches, onde houve participação ativa dos alunos e professor.

Para sensibilizar e envolver os alunos foi feito um teatro sobre a história de “Chapeuzinho Vermelho”, durante as aberturas das aulas, que ocorrem diariamente.

Após a história em sala de aula, o professor, no círculo de conversa, interpretou e questionou aos alunos se gostaram dela e se conhecem outras histórias.

A turma fez um levantamento das histórias que conheciam e gostavam de ouvir e juntos decidiram a que queriam ouvir primeiro. Se conheciam outros contos de fadas, como a ouvida. A turma fez uma lista de histórias que gostariam de ouvir, como: “A Cinderela”, “Os três porquinhos”, “Pinóquio”, “Branca de Neve e os sete anões”.

Depois de feita a lista, os alunos escolheram que queriam ouvir no outro dia a história da “Cinderela”.

O conto escolhido foi contado através da simples narração, permitindo que os alunos imaginassem as cenas e os personagens. Depois de ouvirem a história, os mesmos, desenharam a parte que mais gostaram e oralmente explicaram para a turma o porquê do desenho. Os alunos colocaram que não gostaram das irmãs más, porque elas tratavam a Cinderela mal, e não gostavam dela e nem tinham respeito.

Foi conversado com a turma sobre os valores e como eles eram praticados e qual a sua importância. Posteriormente os alunos juntamente com a professora, decidiram que no conto da “Cinderela”, faltou amor e respeito, e que a partir daquele dia todos na sala teriam respeito e amor pelos colegas. Nelly Coelho (2005) afirma que através das histórias vividas pelos personagens, os alunos refletem suas atitudes trazendo para sua vida esses valores.

No outro dia a mesma história foi recontada para maior observação das atitudes dos personagens pelos alunos.

Foi distribuída folha de papel colorido para que as crianças desenhassem a atitude que mais gostaram dos personagens. Cada um contou para a turma o que desenhou. A turma juntamente com o professor escolheu um desenho e a parte que mais gostam, que foi exposto no mural com todos os desenhos.

Seguindo a lista de histórias feita pelos alunos, o segundo conto foi através do recurso da gravura onde os alunos dispostos em semicírculos ouviram a história observando os detalhes.

As crianças gostaram da história, perceberam que dois dos porquinhos eram preguiçosos e por isso quase foram comidos pelo lobo mau. As crianças afirmaram que não se pode ter preguiça, e que o outro porquinho não foi preguiçoso e foi amigo dos outros dois. Os alunos construíram as casas dos porquinhos, utilizando materiais diferentes e colocaram no mural, sem preguiça, praticando assim o que foi aprendido.

A interpretação oral foi privilegiada, pois, alguns os alunos ainda não dominam a língua escrita.

Com a massa de modelar cada aluno fez um personagem e em grupo montaram a história para ser recontada para a turma.

Após a interpretação os alunos produziram, um texto coletivo que foi transcrito pela professora, onde os mesmos em grupo ilustraram.

Ainda seguindo a lista de história, feita pela turma, foi utilizada um avental de história, onde os personagens foram feitos separadamente e iam sendo colocados no avental de acordo os acontecimentos dando idéia de movimento.

Após as conversas sobre a história, foi sugerido à turma que montássemos um teatro sobre a mesma, mas para isso, era necessário que eles analisassem cada personagem, quais os valores que os mesmo traziam se era positivo ou negativo.

A peça teatral sobre a “Branca de neve e os sete anões”, foi montada e ensaiada durante duas semanas. Ela foi apresentada, na festa da família, para os pais, colegas, e professores, para que todos participassem tivemos várias brancas de neve, bruxas, caçadores, e sete anões.

Os alunos falaram sobre a Branca de Neve, que algumas meninas queriam ser, ela era bondosa (valor bondade), era amiga (valor amizade), que tinha amor pelos animais (valor amor). Os sete anões que eram amigos (valor amizade), eram felizes (valor felicidade), e que eles eram diferentes, mais, que viviam juntos (valor respeito a diferenças). O caçador era corajoso (valor coragem), e bom, pois deixou a branca de neve ir embora (valor bondade). A bruxa era má, mentirosa, não gostava de ninguém.

Para a realização do trabalho foi necessário, cadeiras, utilização da sala de vídeo, brinquedoteca, caixa estante, livros de contos de fadas, gravuras, folha branca e colorida, lápis de cor, giz de cera, tinta, cola, cola colorida, massa de modelar.

4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE A DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao se trabalhar um projeto tão prazeroso e com tantos recursos diferente, os alunos ficam encantados, com os livros fantoches e com as próprias histórias. Tendo em vista que muito não tem acesso a esses recursos.

Foi possível perceber o quanto é importante para a formação de qualquer criança o ato de ouvir muitas histórias diferentes, que se misturam com a realidade vivida pelos alunos, permitindo assim a comparação do real com o imaginário. Trabalhar histórias, principalmente os contos de fadas no início da alfabetização, permite a formação de leitores mais críticos.

Para sensibilizar e introduzir essas crianças no mundo mágico das histórias, foi utilizado um teatro de fantoches sobre a história da “Chapeuzinho Vermelho”, havendo a preparação das crianças por meio de musicas. Para BETTELHEIM (1995), “para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade.”

Na sala de aula, no círculo de conversa, os alunos deram a sua opinião sobre a história ouvida. Afirmaram que gostaram, mas, que ficaram com medo do lobo mal, e gostam muito da Chapeuzinho.

Seguindo a lista feita pelos alunos na história do Três porquinhos, foi contada a partir do recurso de gravuras, que para COELHO (2005):

As gravuras favorecem, sobretudo, as crianças pequenas, permite que elas observem detalhes e contribuem para a organização de seu pensamento. Isso lhes facilitam mais tarde a identificação da idéia central, fatos principais, fatores secundários etc

As histórias foram contadas em semicírculo, para que todas as crianças pudessem observa os detalhes das gravuras. A história despertou muita animação e empolgação, onde as crianças se divertiram com que viam e ouviam.

De acordo com VIEIRA (2005), representa um momento de excepcional importância na educação das mesmas.

Com a utilização da massa de modelar fizeram os personagens para poderem brincar e recontar a história no grupo.

Cada conto trabalha diferentes tipos de conflitos internos, para BETTELHEIM (2005):

O significado mais profundo do conto de fada, será diferente para cada pessoa... a criança extraíra significado diferentes do mesmo conto de fada, dependendo de seu interesse e necessidade do momento...

A aprendizagem através dos contos de fadas e da leitura, permite que o aluno de sua opinião, hipótese, reflexões e desperta a sua curiosidade . É importante portanto, variar, estudar a história e ainda escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la, provocando sempre um interesse inovador.

No decorrer da contação as crianças descobrem novas palavras, músicas, brincadeiras como afirma COELHO (2005):

É para além do prazer e das emoções do leitor, ao participar de tais aventuras, lhe dá grandes lições de sabedoria e de vida. É preciso descobrir que o conto de fadas tem na base a vida real, e que a literatura infantil não é "infantil" ou pueril, é acima de tudo um excelente meio de educação a ser explorado.

As turmas receberam muito bem esse novo recurso, a história dos contos de fadas, que permitiu que os mesmos participassem das aulas, desperta o interesse e a curiosidade de forma a modificar hábitos e atitudes, antes vistas como normais.

Cada turma desenvolveu o trabalho com características diferentes sendo contudo, foi feito uma análise dos acontecimentos mais relevante. Pois não há uma única realidade. O caminho escolhido por um grupo é diferente

daqueles escolhidos por outro grupo. E fundamental a valorização da experiência que cada um carrega consigo, no desenvolvimento do trabalho.

Ao se identificar com os personagens bons, heróis e heroínas, a criança é levada a resolver e superar seus medos e modificar comportamentos, enfrentando os “perigos” reais que encontram à sua volta e assim alcançar o equilíbrio adulto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De nada adianta a intenção, se a pessoa não souber se deixar conduzir pela história. É preciso conhecer a história para compreender como determinada história pede para ser contada. (MACHADO, 2004, p.74)

Essas palavras de MACHADO nos conduzem a refletir sobre a importância da história para o nosso Eu interno. Despertar o interesse do indivíduo não é tarefa fácil. É necessário criar situações de estímulo à leitura. Para formar contadores, no entanto é uma tarefa ainda maior, pois é necessário criar leitores. E como criar leitores com poucos recursos ou incentivos o que muitas vezes ocorre nas escolas públicas?

A introdução da literatura na escola, requer compromisso, não somente da instituição escolar, como também de toda comunidade escolar. É necessário que as escolas desenvolvam mais projetos de incentivo a literatura como já existem. Um exemplo é a caixa do livro, onde as crianças têm a possibilidade de entrar em contato com diversas obras literárias. Cabe a escola também buscar recursos junto a comunidade e as instituições governamentais para compra de livros e materiais literários. Promover feiras, audições literárias, oficinas, tudo de forma prática. Procurar promover nas horas cívicas, nas comemorações escolares momentos que possibilitem e estimulem a leitura e a contação de histórias.

O governo, também tem sua parcela de responsabilidade, cabe a ele divulgar e propor as escolas o incentivo a leitura. Projetos nacionais como ARTE POR TODA PARTE ou COMPRADORES DO SABER, são bons exemplos, esse último, disponibiliza para escola, uma certa quantia em dinheiro, para que os alunos invistam em livros nas diversas feiras literárias, isso vem dado certo e demonstra a força que a comunicação literária pode alcançar na cultura brasileira quando bem executada.

Aos educadores, cabe a responsabilidade de incentivar a leitura por meio de técnicas e recursos tecnológicos quando disponíveis logicamente. Os docentes devem estimular os alunos a assistirem vídeos e peças teatrais e circenses, teatrinhos de bonecos, fantoches, dedoches, dramatizações. Incentivar a leitura e audição de literatura, poemas, textos informativos ou jogralizados, audição de música enfim, tudo que possa introduzir o aluno no fantástico mundo da leitura.

A família, também faz parte desse incentivo a leitura, pois os primeiros contatos com o mundo literário vem dela. E com a família que aprendemos a ouvir e contar histórias. Cabe aos pais promover o diálogo em casa. Incentivar a leitura de textos bíblicos, informativos. A eles, requer a disponibilidade para contar e ouvir histórias. Cantar e ouvir música. Ou seja, ocupar o tempo da família, com a família.

Tomando todos esses cuidados nos envolvimento desses grupos que compõem a comunidade escolar que mesmo distintos se mantém interligados entre si, dessa maneira podemos vislumbrar futuros leitores. E como já afirmamos, somente formamos contadores de história se antes criarmos leitores de histórias.

Ao falar dos contadores, MACHADO (2002) afirma que contar histórias se torna ainda mais importante. “É uma maneira de passar as pessoas uma parte do patrimônio cultural universal que a humanidade vem acumulando há milênios.”

Contadores são formados a partir da necessidade que os leitores têm de externalizar o que captam nas histórias lidas.

Contadores são formados quando desenvolvemos o sentimento de compartilhar com os outros experiências, emoções e fatos...

MACHADO (2004) diz: De nada adianta a intenção, se a pessoa não souber se deixar conduzir pela história. E preciso conhecer a história para

compreender como determinada história pede para ser contada, ele segue afirmando que:

A técnica e a escolha de um determinado modo de contar, a partir de um determinado modo de contar, a partir de uma intenção e levando em consideração, além dos recursos internos, outros tipos de recursos que possam ser descobertos pelo contador de história. (MACHADO, 2002, p.74)

Possibilitar os alunos o contato com técnicas de contação de história também faz parte da formação do contador. Utilizar em sala de aula, recursos como fantoches, dedoches e bonecos articulados, incentivam e estimula os alunos a repassar as histórias. Utilizar desenhos produzidos pelos alunos para contar as histórias ou até mesmo dramatizá-las para seus colegas são recursos e fórmulas eficazes para despertar o interesse dos futuros contadores.

Segundo o projeto desenvolvido em escola pública vimos a importância de trabalhar a contação de história em sala de aula ou desenvolver projeto literários na escola. O projeto desenvolvido conseguiu despertar nos alunos a curiosidade sobre as histórias, sobre os personagens, até mesmo sobre os próprios autores dos textos.

Os alunos também foram capazes de relacionar as histórias com fatos de suas vidas, gerando assim um conhecimento e visão de mundo globalizado, o que é requerido na atualidade.

Ao reproduzir as histórias através dos desenhos, para depois recontá-las, vimos o prazer que cada discente sentia, demonstrando muitas vezes seu próprio EU poético, se abrindo de forma livre e sem restrições.

Segundo MACHADO (2002) transmitir uma mensagem não é privilégio da língua escrita. A pictórica também conta história. A imagem desenhada ou pintada seleciona o real sem necessariamente empobrecê-lo.

Com o projeto, vimos surgir novos contadores de história e tivemos o prazer de ver crianças tímidas e muitas vezes retraídas se tornarem personagens de conto de fadas, de fábulas e histórias infantis. Vimos o orgulho no olhar nos pais ao constatar que seus filhos são capazes de desenvolver a oralidade de forma criativa e firme. Ouvimos através das histórias valores muitas vezes esquecidos serem resgatados.

Sendo assim constatamos que um contador de histórias, surge a partir de incentivos práticos e simples, além de contar com uma boa dose de fantasia. Como diz MACHADO (2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABROMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**. Gostosura e Bobices no Pensamento e Ação do Magistério. 5 ed. Scipione, 2005.
- BENCINI, Roberta. **O maravilhoso mundo dos contos de fadas e seu poder de formar leitores**. 185 ed. Nova Escola, São Paulo, p. 52-55, set 2005.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra. 10 ed. 1995.
- BUSATTO, Cleo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COELHO, Nelly Novais. **O Conto de Fada**. Revista Criança do professor. Educação Infantil, Brasília, 38 ed. P 10 a 12, Janeiro 2005.
- GUAJARDO. Eugenio Aavedra. **A emoção na construção de significados**. Revista Pedagógica Pátio. FNDE, Ministério da Educação. Agosto/Outubro 2003.
- LUKSYS, Maria Inês de Araújo. **Os contos de fadas, a criança e a psicanálise**. Revista Conceitos, São Paulo. p 114-119, jul/dez 2002.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler “Os Clássicos Universais” desde Cedo**, Rio de Janeiro: Objetiva; 2002.
- MACHADO, Regina. **Acordais, Fundamento Teórico-Poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL; 2004.
- PAZOS, Vanda Inês da Silva. **Literatura infanto juvenil**. In FELIX, Joana d’Arc Bicalho. (Org.) Guia Aprendendo a prender, Brasília. UniCEUB – Faculdade das Ciências da Educação, 2005 mod. 10.
- PAZOS, Vanda Inês da Silva.. **Educação e Arte**. In FELIX, Joana d’Arc Bicalho, (Org.) UniCEUB – Faculdade das Ciências da Educação, 2003 mod. 4
- SISTO, Celso. **Texto e pretextos sobre a arte de contar histórias**; ilustrações Iraçu Borba. 2ª ed. Curitiba: positivo:2005.
- SILVA, Maria Betty Coelho da. **Contar histórias: uma arte sem idade**, 10 ed. Ática. 2000.
- VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. **O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil**. Revista Criança do Professor de Educação Infantil, Brasília. 38 ed, p 8-9; jan 2005